

# O SABER OCUPA LUGAR: FREI LUIS DE SOUSA NO ENSINO DE PORTUGUÊS

ANA TEODORO e LEONTINA LUIS

## **Resumo**

*A introdução de um texto literário nos currículos escolares pressupõe o reconhecimento do seu estatuto ímpar e das possibilidades formativas a ele associadas. O presente estudo propõe-se analisar a presença de Frei Luís de Sousa nos programas de Português do ensino secundário (1888-2005) e reflectir sobre o contexto e os objectivos subjacentes à sua leccionação. O estudo contempla também o ensino de Português no estrangeiro, ao nível dos leitorados, mediante a análise dos programas disponíveis no Instituto Camões (1999-2003). Frei Luís de Sousa, o mais importante texto dramático de Almeida Garrett e obra de vulto da Literatura Portuguesa, viu reconhecido o seu carácter de excepção e tem vindo a integrar de forma continuada os programas de Português do ensino secundário e de forma pontual os programas de ensino da língua no estrangeiro.*

*Não se lêem os clássicos por dever ou por respeito mas só por amor. Salvo na escola: a escola deve dar-nos a conhecer bem ou mal um certo número de clássicos entre os quais poderemos depois reconhecer os “nossos” clássicos.*

Italo Calvino

Almeida Garrett era um homem de paixões: pela política, pelas mulheres, pela literatura, pela palavra. A sua paixão pela palavra revelou-se quer pela via da calorosa intervenção política, quer numa extensa e multifacetada actividade literária. Garrett afirmou-se, na primeira metade do século XIX, não apenas como o veemente orador nos debates parlamentares, mas também como o incansável escritor apostado em imprimir novo alento às letras portuguesas. A literatura, como nos confessa na “Memória ao Conservatório Real”, foi “o mais querido folgado da [sua] infância, o mais suave enleio da [sua] juventude e o

passatempo mais agradável e refrigerante [...] da [sua] hombridade” (Garrett, 1982: 76). De entre as múltiplas paixões, terá sido à literatura que mais fielmente se dedicou, entregando-se com afincado à aventura de experimentar temas, estilos e formas de expressão. O resultado desse empenho é visível na profusão e na variedade de escritos que nos foram legados e que incluem desde o ensaio ao romance, passando pela lírica e pelo texto dramático. Aliás, Almeida Garrett, ao contrário do que parece ser a regra, conseguiu ainda em vida o reconhecimento público dos seus pares e ergueu um edifício de obras exemplares, que persistem em afirmar-se como referentes da Literatura Portuguesa. É nessa qualidade que elas permanecem e são objecto de estudo recorrente na escola e nas instituições de ensino superior.

A escola é, depois da família, o espaço de aprendizagem privilegiado onde se adquirem os conhecimentos e as competências que, no futuro, nos permitirão participar, de forma mais consciente e esclarecida, nas dinâmicas da vida social e profissional. Os saberes veiculados pela escola são, assim, aqueles que se instituem como fundamentais para a construção da identidade e, nessa medida, a elaboração do currículo escolar é um desafio difícil e delicado que tem gigantescas repercussões quer no foro individual quer na estrutura da sociedade. O currículo escolar é a matriz onde se inscrevem os saberes que devemos assimilar enquanto herdeiros de um legado histórico, cultural e civilizacional. Nesta perspectiva, a escola assume-se não apenas como instituição especialmente vocacionada para a formação individual, mas também como bastião que preserva e transmite esse legado geracional.

A inclusão de um texto literário nos programas escolares é, porventura, a forma mais eficaz de o promover ao estatuto de clássico ou de lhe assegurar a consolidação desse estatuto. Essa inclusão pressupõe, em geral, o reconhecimento de que o texto possui determinadas características que o tornam representativo de um autor, de uma época, de um género ou de uma tradição literária e que deve, portanto, integrar o núcleo de saberes que constituem a formação de base de um indivíduo. A escola, como refere Italo Calvino, deve dar-nos a conhecer os clássicos ou, pelo menos, um certo número de clássicos, a partir dos quais poderemos depois eleger os nossos próprios clássicos (Calvino, 1994: 10). Italo Calvino reconhece assim que a escola tem a responsabilidade de promover os autores e as obras que se aceita fazerem parte do património de uma nação, quer pela sua qualidade literária intrínseca, quer pelo que podem transmitir acerca da história e da cultura que representam. Por outras palavras, a escola deve expor-nos, se não aos clássicos na generalidade, pelo menos aos clássicos da nossa literatura.

É comum pensar que um clássico se oferece como pretexto para inúmeras e renovadas leituras, que se reveste de uma multiplicidade de sentidos, que consegue escapar ao carácter inelutável do tempo, mantendo a sua vitalidade e actualidade nas diferentes épocas. É com base numa série de pressupostos, mais ou menos subjectivos, que se elegem os clássicos, os autores e obras modelares, dignos de pertencer ao chamado cânone da literatura. Importa, porém, sublinhar que o cânone não é consensual e muito menos perene, estando sujeito a flutuações, não raro caprichosas e, em geral, resultantes da alteração de padrões estéticos ou culturais e mesmo da mutabilidade das instâncias responsáveis pela sua definição. O carácter dinâmico dessas escolhas é inegável, quer a nível escolar e académico, quer a nível das nossas referências pessoais.

Nessa perspectiva, o presente estudo procura avaliar a regularidade e os pressupostos da presença de Almeida Garrett, e em particular de *Frei Luís de Sousa*, em dois tipos de programas escolares: os programas do ensino secundário e os programas do ensino de Português em universidades estrangeiras. No primeiro caso, recorre-se a um conjunto de documentos - decretos, despachos e brochuras ministeriais<sup>1</sup> - que abarca o período desde 1888 até 2005. No segundo caso, a informação é significativamente mais fragmentária, na medida em que dependemos em exclusivo dos programas existentes no Instituto Camões, órgão tutelado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e responsável pela promoção da língua e cultura portuguesas no estrangeiro.

### ***Frei Luís de Sousa* nos programas escolares**

É precisamente quando Almeida Garrett regressa a Portugal na década de 30 do século XIX, após vários anos de exílio em Inglaterra e França, que se vive uma grande reforma do ensino pela mão de Passos Manuel. Em 1836, é promulgado o decreto que cria os liceus, no qual se define o conjunto de disciplinas a leccionar, a distribuição de liceus pelo país e a sua forma de organização. É também Passos Manuel que, nesse mesmo ano, oferece a Garrett o cargo de Inspector dos Teatros, cuja incumbência é “propor um plano para a fundação e organização dum teatro nacional” (Prado Coelho, 1981: 364). Mais do que uma mera coincidência cronológica, esta sobreposição de

---

1 Os decretos consultados são essencialmente documentos que legislam sobre todos os anos e disciplinas do ensino secundário, enquanto que as brochuras se restringem ao Português e a poucos anos.

acontecimentos evidencia a preocupação de intervir na sociedade e de construir um sólido edifício cultural, quer através da escola, quer através da renovação do teatro nas vertentes de formação de actores, criação de espaços e repertórios, e estímulo à produção dramaturgica. A referida preocupação política não se restringe aos governantes, sendo também insistentemente evocada por Almeida Garrett nas reflexões que acompanham algumas das suas obras. Na introdução ao *Romanceiro*, por exemplo, afirma:

O meu ofício [...] é popularizar o estudo da nossa literatura primitiva, dos seus documentos mais antigos e mais originais, para dirigir a revolução literária que se declarou no país, mostrando aos novos engenhos que estão em suas fileiras os tipos verdadeiros da nacionalidade que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos estrangeiros, se devem encontrar. (Garrett, 1983: 31)

Para além destes objectivos de alcance essencialmente sócio-político, Almeida Garrett apresenta ainda na introdução ao *Romanceiro* um elenco de autores e épocas da Literatura Portuguesa, que relaciona com as múltiplas influências estrangeiras que nela se fizeram sentir ao longo dos séculos e assinala o que entende como leituras fundamentais, numa perspectiva assumidamente didáctica. Deste modo, Garrett como que antecipa as obras e autores de referência que surgem depois sistematicamente espelhados nos programas de Português, em particular nos que resultam das reformas de 1888 até 1954. Nesse sentido, é o próprio Garrett a dar corpo a um embrião de cânone escolar, cânone que ele mesmo viria a integrar de forma permanente desde finais do século XIX.

A postura política e a atitude didáctica de Almeida Garrett enquadram-se perfeitamente na linha das reformas implementadas por Passos Manuel. Assim, antes de nos referirmos em concreto a *Frei Luís de Sousa*, importa observar muito sucintamente como se desenvolveu o percurso do ensino liceal e dos respectivos programas. Os recém-criados liceus, que deveriam ser instalados em todas as capitais de distrito, defrontaram-se não apenas com dificuldades de funcionamento, mas sobretudo com dificuldades de aceitação por parte do público. O liceu do Porto é um exemplo dessa resistência, tendo tido apenas um aluno matriculado no ano lectivo de 1842-1843 e não se verificando nenhuma matrícula no ano seguinte (Dec. n.º 36:507, 17 de Setembro de 1947)<sup>2</sup>. Ultrapassada esta oposição inicial, a frequência dos liceus

---

2 A citação ou referência dos decretos ou outros documentos respeita a grafia original.

registou um crescimento progressivo, de tal forma que o único liceu - dos dois inicialmente previstos - existente em Lisboa na viragem do século XIX para o século XX era manifestamente insuficiente para o interesse demonstrado. No final da década de quarenta do século XX, havia já oito liceus na capital e subsistia a dúvida se seriam suficientes para dar resposta às exigências da população. Actualmente, são mais de duas centenas as escolas públicas que, em Lisboa, ministram algum dos três ciclos correspondentes ao que historicamente se designou por ensino secundário, sendo mais de 1500 as escolas públicas no continente.

O grande alargamento do ensino secundário foi consequência directa do fim do exame de admissão aos liceus e da instituição do 9º ano de escolaridade – o antigo 5º ano dos liceus (reformas de 1936 até 1954) ou antiga V classe (reformas de 1895 a 1931) – como nível de escolaridade obrigatória. Os objectivos que desde cedo estavam subjacentes às reformas do ensino secundário são explicitados, por exemplo, na legislação emanada em 1931 nos seguintes termos: “a cultura geral como preparação para a vida social, directamente ou como passo para o ensino superior, que à vida social, nas suas mais altas esferas, conduz também.” (Dec. n.º 20:741, 18 de Dezembro de 1931: Relatório). Com o referido alargamento, o ensino torna-se agora acessível a todos e estes objectivos passam a ter um alcance geral. Programas que antes eram leccionados a uma reduzida fracção da população jovem transformam-se assim em programas que todos devem aprender e as obras literárias dos “mais insignes escriptores portugueses” (Dec. de 14 de setembro de 1895) entram, pela via da escola, no domínio comum.

O ensino secundário ou liceal compreendia na origem os sete anos de liceu que podiam seguir-se à instrução primária. A designação e a distribuição por ciclos foram sendo alteradas e presentemente a designação de ensino secundário corresponde ao ciclo que compreende 10º, 11º e 12º anos (antigos 6º e 7º do liceu e um 8º ano suplementar, cuja necessidade já se fazia sentir em 1936). No entanto, a presente análise contempla também o ciclo que compreende 7º, 8º e 9º anos, cuja nomenclatura foi fixada em 1975, pois estes anos correspondem aos antigos 3º, 4º e 5º do liceu. O mais antigo documento analisado data de 1888 e identifica-se com o “novo regimento dos estudos secundários” (Dec. de 20 de Outubro de 1888), o que leva a supor a existência de programas anteriores, talvez mesmo desde 1840, data em que os liceus começaram efectivamente a funcionar. O documento mais recente é o programa de Língua Portuguesa do 10º, 11º e 12º anos, que foi homologado em 2000/2001 e ainda se encontra em vigor. O Quadro 1 lista a referência dos 28 documentos

analisados. De entre estes, apenas três não apresentam programas de Português<sup>3</sup>, mas sim reformas do ensino secundário ou relatórios de avaliação que sustentam a necessidade dessas reformas.<sup>4</sup>

De uma maneira geral, há nos programas uma série de abordagens e de sugestões metodológicas que se mantiveram constantes desde 1888 até 1954 e, em alguns casos, até mesmo à década de 70; de 1954 em diante surgem outros aspectos que são comuns às propostas metodológicas dos programas deste período. As referências a bons autores, à “Explicação verbal e real dos textos”, ao sentimento nacional e ao gosto pela leitura atravessam, com pequenas alterações, o conjunto de programas que se estende por mais de um século. Pelo contrário, a lista de autores e de obras estudadas varia razoavelmente, notando-se que, em geral, entre dois elencos programáticos consecutivos há pelo menos um autor diferente. Em algumas ocasiões, parece ocorrer uma fissura e altera-se a maior parte dos autores ou das obras que integram a lista recomendada, como sucede entre 1972 e 1975.

A tentativa de incluir autores contemporâneos surge de forma mais persistente nas reformas estabelecidas a partir de 1972 e implica o abandono de numerosos autores dos séculos XIV a XVIII propostos em muitos programas anteriores, como por exemplo Frei Luiz de Sousa, um autor estudado quase sem interrupção até 1954. Momentos há em que é apenas contemplada a Literatura Portuguesa e outros em que se recomenda a análise das “Relações mais importantes da história das literaturas estrangeiras com a portuguesa” (Dec. n.º 12:594, 2 de Novembro de 1926), como acontece em 1905, 1918, 1926 e 1948. Esta tentativa de não limitar o cânone escolar à literatura nacional corresponde a uma preocupação ainda hoje debatida pelos estudiosos. Importa igualmente salientar que são frequentes as recomendações para que se leiam edições escolares bem preparadas.

Da análise destes documentos ressalta que Almeida Garrett figura continuamente nos programas de Português desde 1888. Os únicos vultos da literatura portuguesa com uma presença tão assídua na legislação programática são Gil Vicente, Camões e, em menor grau, Alexandre Herculano. No entanto, se Camões é sempre representado com *Os Lusíadas* e, por vezes, também com a lírica ou o teatro, Garrett e Herculano

---

3 Efectivamente até o nome da disciplina mudou com as reformas do ensino, assumindo também as seguintes designações: Língua e Literatura Portuguesa; Língua e História Pátria; Literatura Portuguesa ou Língua Portuguesa.

4 Este aspecto é assinalado no Quadro 1 pela indicação da data em estilo normal em vez de negrito.

estão presentes de diversas formas e nenhuma das suas obras permanece ininterruptamente no cânone escolar. Quanto a Gil Vicente, os autos estudados foram variando de forma significativa, como demonstrou Cristina Serôdio num estudo recentemente publicado (Serôdio, 2003). No panorama das escolhas que foram sendo inscritas nos programas escolares desde 1888, onde se constata a sucessiva inclusão e exclusão de muitos autores e obras literárias<sup>5</sup>, Almeida Garrett é efectivamente uma presença constante. Este facto, por si só, não fará de Garrett um autor canónico, mas torna-o pelo menos um autor consensual, uma vez que sucessivas gerações de políticos e responsáveis educativos não tiveram dúvidas em mantê-lo nos programas. Este consenso implica necessariamente o reconhecimento da qualidade literária e da representatividade da obra de Garrett.

O corpo de documentos em estudo permitiu também comparar o modo como se distribuem as diversas obras de Garrett ao longo das várias reformas dos currículos, informação que se encontra sintetizada no Quadro 2. Regista-se ainda, em relação a cada uma das obras, a legislação que contempla a sua inclusão, bem como o ano do ensino liceal em que o respectivo estudo deveria ser efectuado. Os documentos identificados com os números 13, 15, 17 e 22 no Quadro 1 não transitam para este quadro, porque correspondem a programas de Português para o 7º, 8º e 9º anos (de acordo com a terminologia fixada em 1975), ciclo em que Garrett não é estudado; o mesmo acontece com o programa provisório emanado em 1978 para a disciplina de Literatura Portuguesa do 10º ano (documento 18).<sup>6</sup> Durante o período abrangido pelos cinco programas referidos, o estudo de obras de Garrett estava previsto no 10º e 11º anos, na disciplina de Português. O Quadro 2 clarifica, portanto, a presença sistemática de Almeida Garrett nos programas escolares de Português desde 1888 até 2005.

Analisemos agora em pormenor a forma como o autor integra os programas através das sugestões dadas para o estudo das suas obras. Por um lado, há programas em que não surge qualquer indicação metodológica relativa a Garrett ou às suas

---

5 Cristóvão Falcão e o Padre António Vieira são dois bons exemplos desta inconstância: Cristóvão Falcão é proposto nos programas de 1895 a 1926, não é incluído em 1931, regressa em 1936 e permanece até à reforma de 1954; o Padre António Vieira é proposto desde 1888 a 1905, não é incluído em 1918, regressa em 1926, está ausente em 1931, volta a ser incluído de 1936 a 1954 e, após um interregno, regressa ainda em 1977-78 e 1979-80.

6 Os documentos com os números 2, 8 e 10 não surgem neste quadro porque não são programas.

obras, como também não aparece em geral para qualquer outro autor (1905, 1918, 1926); por outro, há programas que são muito detalhados (1936 ou 1948). Entre estas duas tendências extremas, encontram-se, nos restantes programas, apenas algumas indicações.

No Regulamento de 1888, entre os catorze autores propostos para o estudo da literatura dos séculos XV a XIX, relativamente aos quais se espera que os alunos façam “Analyse litteraria em trechos dos mencionados escriptores” (Dec. de 20 de Outubro de 1888), Almeida Garrett surge a par de dois outros escritores oitocentistas, Herculano e Castilho. No decreto de 1936, dá-se pela primeira vez bastante importância a Garrett, incluindo no programa de Língua e Literatura Portuguesa do 7º ano do liceu seis obras de sua autoria, bem como especificações acerca da forma como devem ser leccionadas:

*Leituras comentadas: passos característicos do Camões; os primeiros versos de D. Branca; algumas peças do Romanceiro; Um Auto de Gil Vicente e Frei Luiz de Sousa. A acção reformadora de Garrett. Os seus objectivos (resumo dos prefácios de Um Auto e do Romanceiro, bem como da Memória ao Conservatório no Frei Luiz de Sousa). Ressurreição do lirismo pessoal: as Fôlhas Caídas. Reflexões sobre a personalidade literária e moral de Garrett e o valor estético e formativo das suas obras.* (Dec. n.º 27:084, 14 de Outubro de 1936).

Neste mesmo programa dá-se ainda relevo a Alexandre Herculano, entendido igualmente como líder e marco de uma fase inicial do Romantismo, pelo que as sugestões metodológicas explicitam a atenção a alguns aspectos significativos: “A sua personalidade literária e atitude moral. Confronto com Garrett.” (Dec. n.º 27:084, 14 de Outubro de 1936). No caso dos restantes autores a estudar, já posteriores a Herculano, as indicações limitam-se a relacioná-los com características literárias, estilos ou movimentos. Saliente-se ainda que *Frei Luis de Sousa* continua a ser leccionado também em Português, ao nível do 4º ano, como já sucedia desde o programa de 1931, embora não seja particularizado o modo como se deve tratar a obra.

Em 1948, o programa de Português do 6º ano é em tudo semelhante ao do 7º acima descrito e as indicações são somente um pouco mais completas:

*Os poemas Camões e D. Branca: inovações, afinidades e contrastes. Feição e evolução do lirismo pessoal de Garrett, da Lírica de João Mínimo às Folhas Caídas. Propósitos de educação artística e nacionalista: o teatro (Um Auto de Gil Vicente e Frei Luis de Sousa. A doutrina dos Prefácios e da Memória ao Conservatório). O*

Romanceiro. *Reforma da linguagem: o estilo de Arco de Santana e das Viagens na Minha Terra. O homem retratado na sua obra. Influências nacionais e influência inglesa. A personalidade literária de Garrett.* (Dec. n.º 37112, 22 de Outubro de 1948).

Mais adiante, as sugestões metodológicas relativas a Herculano - que mantém também uma presença significativa marcada por obras como *Lendas e Narrativas* e *O Bobo* - voltam a frisar o “Confronto com os objectivos e realizações de Garrett”.

No essencial, os programas de 1954 são praticamente idênticos aos de 1948. Este facto permite-nos concluir que um elevado número de alunos estudou obrigatoriamente *Frei Luís de Sousa* no 4º ano, e muitos desses alunos estudaram a obra também no 6º ou 7º anos. São os alunos que correspondem a todas as gerações que passaram pelo liceu entre 1936 e 1972, ano em que uma nova reforma vem alterar as definições de 1954. É curioso notar que o filme de António Lopes Ribeiro, uma “transcrição cinematográfica” (Ribeiro, 2003) do *Frei Luís de Sousa* que mantém inclusive o mesmo título, foi um razoável sucesso de bilheteira apresentado ao público em 1950, época em que Garrett marcava uma forte presença nos programas escolares.

Em 1974, *Frei Luís de Sousa* “deixa de ser de leitura obrigatória” (Programas, 1974-75) no 2º ano do Curso Geral (antigo 4º ano do liceu), mas permanece como objecto de estudo no 2º ano do Curso Complementar, o mesmo sucedendo com *Viagens na Minha Terra* e *Folhas Caídas*. Alexandre Herculano tem um percurso semelhante e é neste momento que deixa também de ser obrigatório ler *Lendas e Narrativas*. Na voragem da mudança, Gil Vicente, habitualmente incólume às flutuações da moda que norteiam algumas escolhas nos currículos escolares, deixa de ser estudado através do *Auto da Alma* - obra que tinha também estatuto de leitura obrigatória - para ser apresentado com outro texto mais acessível, nomeadamente o *Auto da Índia* e a *Farsa de Inês Pereira*. Estas alterações e simplificações foram motivadas pelos resultados dos “inquéritos emanados do MEC, pela Comissão de Estudos da Reforma Educativa” (Programas, 1974-75). O ano de 1974 é ainda de mudança, pois passa a incluir listas de possíveis escolhas de obras para leitura integral, que abrangem muitos escritores do século XX, alguns até contemporâneos desta reforma. Estas listas irão servir de base às escolhas definidas em 1975 e em reformas posteriores.

De 1980 a 1991, dá-se o fenómeno contrário ao que se verifica entre 1936 e 1974, na medida em que há um número significativo de alunos que completam o

ensino secundário sem nunca terem estudado a obra literária de Almeida Garrett e para os quais o texto de *Frei Luís de Sousa* é absolutamente desconhecido. Já na década de 90, a situação inverte-se de novo e *Frei Luís de Sousa*, *Viagens na Minha Terra* e *Folhas Caídas* voltam a integrar os programas. Nesta reforma, o discurso político de Garrett passa igualmente a ser estudado no 12º ano. *Frei Luís de Sousa* é proposto para “leitura metódica de texto dramático” (Programas, 1991) e deve ser entendido fundamentalmente na sua noção de espectáculo e na ligação a outras linguagens. Em substituição da tragédia dos Coutinho e Vilhena sugere-se *D. João e a Máscara*, de António Patrício, cabendo a decisão ao professor em articulação com a turma.

Naturalmente, não podemos deixar de perguntar agora em que situação se encontra o estudo de Almeida Garrett no ensino secundário na ocasião em que se assinalam os 150 anos da sua morte. De facto, Garrett permanece nos currículos de Português e de Língua Portuguesa, mas apenas está previsto o estudo de *Frei Luís de Sousa*, tendo sido retiradas dos programas as restantes obras que ainda eram leccionadas entre 1997 e 2000. As sugestões metodológicas enunciadas nos programas em vigor vão no sentido de um estudo aprofundado da obra, cuja leitura deve contemplar os seguintes aspectos:

- Leitura literária: *Frei Luís de Sousa*, Almeida Garrett (leitura integral);
- categorias do texto dramático; intenção pedagógica; sebastianismo; ideologia romântica; valor simbólico de alguns elementos. (Programas, 2000)

Com vista a este aprofundamento, os programas propõem ainda “Conteúdos da componente oral e visual: Filme *Frei Luís de Sousa*, Documentários sobre Garrett, o Romantismo e outros”.

Como se pode facilmente constatar (Quadro 2), as obras de Garrett incluídas nos programas escolares ao longo do período em análise não são sempre as mesmas e o espectro de selecção é até bastante diversificado. No entanto, *Frei Luís de Sousa* é a obra mais frequente - secundada por *Folhas Caídas* - sendo mesmo a única que ainda permanece nos programas em vigor. Salienta-se igualmente que Garrett parece exigir leitores com alguma maturidade, pois é leccionado, em geral, a partir do 4º ano do

liceu/8º ano de escolaridade, com maior incidência nos programas do final do ensino secundário.<sup>7</sup>

As justificações que vão sustentando as escolhas dos autores e das obras a manter no cânone escolar apontam frequentemente para noções de identidade cultural e de nação, sob perspectivas que, essas sim, se vão alterando com a evolução das ideias sobre o indivíduo, a sociedade e o mundo ao longo do século XX. Podemos, então, afirmar que os textos garrettianos inspirados nos mitos nacionais cumprem a dupla função de prestar serviço ao cânone, que procura construir noções identitárias, e às escolas que, além da formação moral e intelectual, promovem a construção do sentimento nacional.

### ***Frei Luís de Sousa* no ensino de Português no estrangeiro**

Como inicialmente se referiu, este estudo contempla também a presença de Almeida Garrett nos programas do ensino de Português em universidades estrangeiras. O ensino de Português no estrangeiro faz-se sobretudo através de leitorados e cada leitor tem uma grande autonomia na escolha e definição dos temas a abordar. Recentemente, o Instituto Camões, no âmbito das suas competências de coordenação dos leitorados, passou também a sancionar o conteúdo dos cursos leccionados pelos docentes. Os programas devem agora ser anualmente enviados ao Instituto para aprovação, embora os leitores continuem a beneficiar de uma razoável liberdade na sua definição. Consultámos no Instituto Camões todos os programas de leitorados que se encontram disponíveis e deparámo-nos com uma enorme variedade de universidades, cidades e países onde se lecciona o Português a nível universitário. Lamentavelmente, apenas foi possível aceder a programas que medeiam entre 1999 e 2003. Ainda assim, neste intervalo restrito, a referência a *Frei Luís de Sousa* surge em 14 programas<sup>8</sup> distintos, vigorando um deles em dois anos lectivos consecutivos. Os resultados desta pesquisa estão resumidos no Quadro 3, em que se assinala, sempre que possível, a disciplina e o contexto em que a obra é proposta. Para além deste texto dramático, é ocasionalmente explicitado o estudo de *Viagens na Minha Terra*, *Folhas*

---

7 Das 76 vezes em que o estudo de obras de Almeida Garrett é estabelecido nos programas em análise, 63 especificam um dos anos do ciclo terminal do liceu.

8 Este número de programas corresponde apenas a 10 % dos documentos consultados no Instituto Camões.

*Cáidas* ou *O Arco de Sant'Ana*. Regra geral, quando Garrett é incluído nestes programas, propõe-se apenas uma das suas obras para leitura e análise. Uma excepção é o curso leccionado em Mainz, que é inteiramente dedicado ao Romantismo, abrangendo assim várias obras do autor.

O Quadro 3 oferece-nos uma amostra da variedade de disciplinas e cursos que constituem veículo para o ensino de Português no estrangeiro, desde os mais direccionados para o texto aos que colocam a ênfase na língua, no teatro, na sociedade ou na história. Esta variedade implica que *Frei Luís de Sousa* seja também invocado através de uma diversidade de abordagens: desde exemplo de texto dramático a pretexto para reflexão sobre o significado de ser português, passando por temas caros à nossa identidade ou por uma introdução ao Romantismo, ou ainda por ser uma obra a incluir numa perspectiva moderna e contemporânea da Literatura Portuguesa. No âmbito desta última abordagem, a obra de Garrett ombreia com *Felizmente Há Luar*, de Luís de Sttau Monteiro, ou *O Judeu*, de Bernardo Santareno. Ao perspectivar Almeida Garrett em relação aos restantes autores e obras leccionados, nota-se que nos programas que se debruçam sobre várias épocas, propõem-se também, em geral, Camões, Eça de Queirós e Fernando Pessoa, sendo as opções pelos restantes autores menos partilhadas. Nos programas que aprofundam mais o Romantismo, Alexandre Herculano é uma presença recorrente.

No conjunto dos documentos compulsados, surgem algumas curiosidades, como o recurso a uma tradução de *Frei Luís de Sousa*, datada de 1909, para apoiar o estudo da obra no curso leccionado em Edimburgo ou a indicação de que a única obra a ser tratada nas aulas, de entre as várias sugeridas para leitura, é este texto de Garrett. Parecem de especial interesse, pela sua raridade, as propostas que aliam o estudo do texto à sua encenação — é o caso do programa de História do Teatro Português, na Universidade de Varsóvia, em 2002 —, ou o estudo de filmes baseados no texto no âmbito do tópico “Filmes com argumento retirado de obras da literatura portuguesa”, componente do programa de Literatura Portuguesa Contemporânea leccionado em 2000/2001 na Universidade de Bucareste concomitantemente com o de Teoria e Prática do Texto.

### Comentário final

Conquanto se tenha tentado uma abordagem exaustiva e completa dos programas de Português - quer no ensino secundário, quer no ensino de Português no estrangeiro -,

não foi possível abranger todos os documentos reguladores<sup>9</sup> do período que medeia entre 1888 e 2005 no caso do ensino secundário, tendo apenas sido possível aceder a um período extremamente restrito, de 1999 a 2003, no caso dos leitorados. Se esta limitação é significativa relativamente à avaliação da presença de Almeida Garrett no ensino de Português além-fronteiras, já não é relevante no que respeita ao ensino secundário, uma vez que o número de documentos legislativos em falta emanados no período considerado será certamente diminuto.

Assim, podemos concluir que, relativamente ao estudo de Almeida Garrett, e em particular de *Frei Luís de Sousa*, a análise efectuada é demonstrativa da realidade em termos das propostas programáticas do ensino secundário e é meramente indicativa no que respeita aos programas dos leitorados. No ensino secundário, Garrett surge como um marco incontornável do cânone escolar da língua portuguesa e o texto dramático no cerne desta pesquisa é um eixo primordial e inequívoco dessa presença. *Frei Luís de Sousa* é a obra garrettiana mais frequentemente e mais persistentemente proposta para leccionação.

Uma nota de aviso deve, no entanto, ficar aqui registada. Os manuais escolares, antologias, selectas e edições escolares de textos integrais são elaborados em função das orientações programáticas, mas podem não se identificar na totalidade com essas indicações. O presente artigo deve, portanto, ser encarado como resultante de um estudo preliminar que teria de ser prosseguido através da análise dos livros que apoiam a leccionação de Português, bem como das estratégias concretas de que se reveste o ensino quando o professor se encontra no contexto da sala de aula, com vista a alcançar uma apreciação completa do modo como Garrett é estudado nas nossas escolas e o impacto que advém desse estudo.

A abundância de referências a Garrett nos programas escolares contrasta com a relativa escassez de inclusões deste autor nos programas dos leitorados. Este facto sugere de imediato duas questões, que merecem oportuno aprofundamento. Será que, tal como acontece no ensino secundário, Almeida Garrett tem vindo a perder importância nos programas de ensino de Português no estrangeiro e os recentes quatro anos analisados são disso uma imagem? Seria certamente interessante poder estender a análise destes programas a todo o século XX, caso a informação existisse e estivesse

---

9 Por exemplo, relativamente a 1895, analisámos fotocópias que incluem os programas de Português do “Curso complementar de Ciências”, mas não conseguimos ter acesso a fotocópias dos programas de Português relativos aos restantes cursos complementares.

acessível, ou pelo menos abarcar um período significativo em vez de um período tão breve. No entanto, a ausência de sistematização destes documentos inviabiliza quase por completo esta via de pesquisa.

A segunda questão, que depende directamente da primeira, é a seguinte: será que ao autor oitocentista é atribuída a mesma importância como referência da literatura nacional para conhecimento dos estrangeiros que estudam Português como para conhecimento dos portugueses que estudam a sua língua? A resposta a esta questão conduziria a um outro conjunto de interrogações directamente relacionadas com a qualidade literária de Garrett, a sua identificação como modelo de um estilo e de uma época, as implicações das suas obras a nível literário, sócio-político ou histórico e muitas outras vias de análise.<sup>10</sup>

Apesar das marcadas diferenças entre as duas vertentes deste estudo, ressalta a ideia comum de que *Frei de Luís de Sousa* é uma obra singular no nosso panorama literário, permitindo uma rica e variada gama de abordagens, de significações e de propostas metodológicas para o ensino de Português e de Literatura Portuguesa. O reconhecido carácter de excepção de *Frei Luís de Sousa* mereceu-lhe o estatuto de clássico e permitiu-lhe integrar reiteradamente os programas escolares desde 1888 como obra emblemática do género dramático, ao lado de obras de autores como Gil Vicente, António Ferreira, Bernardo Santareno, Luís de Sttau Monteiro e António Patrício, entre outros. Aliás, no que se refere ao ensino de Português, não sabemos se o clássico é *Frei Luís de Sousa* ou o próprio Almeida Garrett, um dos raros autores portugueses a constar dos programas como expoente quer do género lírico (com *Folhas Caídas*), quer narrativo (com *Viagens na Minha Terra*), quer dramático (com *Frei Luís de Sousa* ou *Um Auto de Gil Vicente*).

*Frei Luís de Sousa* – e com ele Almeida Garrett – permanece nos programas escolares, nos palcos dos teatros portugueses, nos ecrãs de cinema e sobretudo nas raízes da nossa identidade, enquanto povo e enquanto cultura, sem contudo se restringir ao nosso espaço geográfico. *Frei Luís de Sousa* permanece, portanto, um clássico da Literatura Portuguesa, que preserva a sua vitalidade quer através de novas

---

10 A aferição da importância de Almeida Garrett beneficiaria igualmente da análise dos conteúdos dos cursos leccionados a nível universitário no nosso país. Este estudo torna-se, porém, ainda mais improvável do que o dos programas de Português no estrangeiro, uma vez que não existe nenhum organismo que centralize toda essa informação.

objectivações artísticas, quer por via do discurso crítico que persiste em convocar. É enquanto clássico que merece uma deferência especial, como os amigos de longa data, pois promove o diálogo assíduo e cúmplice, convida à revisitação e garante que a cada releitura tem algo de novo para partilhar. Tal como o saber, *Frei Luís de Sousa* ocupa um lugar, não apenas nos currículos escolares, nas estantes das bibliotecas e nos escaparates das livrarias, mas principalmente na nossa memória individual e colectiva, enquanto referência cultural adquirida e partilhada que enriquece o nosso património e a nossa relação com os outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALVINO, Italo (1994), *Porquê Ler os Clássicos*, Lisboa: Editorial Teorema.
- GARRETT, Almeida (1982), *Frei Luís de Sousa*, apresentação crítica, fixação do texto e sugestões para análise literária de Maria João Brilhante, Lisboa: Editorial Comunicação.
- GARRETT, Almeida (1983), *Romanceiro*, vol. II, organização, fixação de textos, prefácios e notas de Maria Helena da Costa Dias, Helena Carvalhão Buescu, Luís Augusto Costa Dias, João Carlos Faria, 2ª ed, Lisboa: Editorial Estampa.
- PRADO COELHO, Jacinto (1981), “João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett” in Jacinto Prado Coelho (dir.), *Dicionário de Literatura*, vol. 2, 3ª ed., Porto: Figueirinhas, pp.363-366.
- RIBEIRO, António Lopes (2003), *Frei Luís de Sousa*, Lisboa: Madragoa Filmes (DVD).
- SERÔDIO, Cristina (2003), “Gil Vicente e o olhar da escola: canône, ritos”, *Gil Vicente 500 Anos Depois: Actas do Congresso Internacional realizado pelo Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp.337-354.

## AGRADECIMENTOS

À Dra. Cristina Serôdio, pelo empréstimo de alguns dos materiais que serviram de base para a elaboração deste artigo e pela amável disponibilidade.

Quadro 1 – Documentos reguladores dos programas escolares de 1888 a 2005

Nº id	Data	Págs. <sup>¶</sup>	Decreto ou documento <sup>º</sup>	Emitido por
1	<b>1888</b>		Decreto de 20 de outubro de 1888	José Luciano de Castro
2	1895a	663-664 (?)	Regulamento Geral do Ensino Secundário, Decreto de 14 de agosto de 1895	Ministerio dos Negocios do Reino, Direcção geral de instrução publica, João Ferreira F. P. Castello Branco
3	<b>1895b</b>	716-719	Decreto de 14 de setembro de 1895	Ministerio dos Negocios do Reino, Direcção geral de instrução publica, João Ferreira F. P. Castello Branco
4	<b>1905</b>	474-475	Diário do Governo, nº 250, 4/11/1905, Decreto nº 3 de 3 de novembro de 1905	Conselheiro de Estado, Ministro e Secretário de Estado dos Negocios do Reino, Eduardo José Coelho
5	<b>1918</b>	765-766; 771; 777	Decreto n.º 5:002, 27 de Novembro de 1918	Secretaria de Estado da Instrução Pública, Repartição de Instrução Secundária, o Secretário de Estado da Instrução Pública, José Alfredo Mendes de Magalhães
6	<b>1926</b>	968-969 e 973 (?)	Decreto n.º 12:594, 2 de Novembro de 1926	Ministério da Instrução Pública, Direcção Geral do Ensino Secundário, Artur Ricardo Jorge
7	<b>1931</b>	620-626	Decreto n.º 20:369, 3 de Outubro de 1931	Ministério da Instrução Pública, Repartição do Ensino Secundário, Gustavo Cordeiro Ramos
8	1932	68-73	Decreto n.º 20:741, 18 de Dezembro de 1931, Relatório	Ministério da Instrução Pública, Repartição do Ensino Secundário, Gustavo Cordeiro Ramos
9	<b>1936</b>	1236-1243	Decreto n.º 27:084, 14 de Outubro de 1936	Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral do Ensino Secundário, António Faria Carneiro Pacheco e todo o governo
		1243-1246;1256-1260;1274-1276	Decreto n.º 27:085, 14 de Outubro de 1936	Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral do Ensino Secundário, António Faria Carneiro Pacheco
10	1947	879-886	Decreto n.º 36:507, 17 de Setembro de 1947	Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral do Ensino Liceal, Fernando Andrade Pires de Lima
11	<b>1948</b>	1081-1091	Decreto n.º 37112, 22 de Outubro de 1948	Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral do Ensino Liceal, Fernando Andrade Pires de Lima
12	<b>1954</b>	1,8-46	Decreto n.º 39807, 7 de Setembro de 1954	Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral do Ensino Liceal, Fernando Andrade Pires de Lima
13	<b>1972</b>	15-43	Programas ao abrigo do Decreto-Lei 48547	Ministério da Educação Nacional
14	<b>1974-75</b>	1-33	Programas ao abrigo do Decreto nº 39807, de 7 de Setembro de 1954	Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Estado da Orientação Pedagógica
15	<b>1975</b>	9-16	sem indicações (Programa de Português)	
16	<b>1977-78</b>	1-15; 1-13	Programa 7º, programa 8º	Ministério da Educação e Investigação Científica, Direcção-Geral do Ensino Secundário
17	<b>1978-79</b>	I-III,1-22	Programas ao abrigo do Despacho SEEBs de 28/7/78	Ministério da Educação e Cultura, Direcção Geral do Ensino Secundário
18	<b>1978</b>	1-15	Programas de Literatura Portuguesa ao abrigo do Despacho SEEBs de 11/8/78	Ministério da Educação e Cultura, Direcção Geral do Ensino Secundário
19	<b>1979</b>	1-16	sem indicações (Programa de Português)	

Nº id	Data	Págs. <sup>ψ</sup>	Decreto ou documento <sup>φ</sup>	Emitido por
20	1979	1-31	Programas de Português ao abrigo do Despacho SEEBS de 20/8/79	Ministério da Educação e Cultura, Direcção Geral do Ensino Secundário
21	1979-80	23-36	sem indicações (Programa de Português)	
22	1980-81	1-20; 1-9; 1-10	Programas ao abrigo do Despacho SEE de 2/7/80 e de 10/7/80	Ministério da Educação e Cultura, Direcção Geral do Ensino Secundário
23	1991	1-149	Programas ao abrigo do Despacho nº 124/ME/91 de 31 de Julho, publicado no D.R. 2ª série, nº188, de 17 de Agosto	Ministério da Educação, Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário
24	1995	1-5	Programas Português A, 10º, 11º e 12º anos	Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário
25	1996	1-31	Programas Português B, 10º, 11º e 12º anos	Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário
26	1997	1-143	Programas Português A e B, 10º, 11º e 12º anos	Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário
27	1997/1998	1-35, 1-26	Programas Português A e B, 10º, 11º e 12º anos	Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário
28	2000/2001	1-76	Programa Língua Portuguesa 10º, 11º e 12º anos	Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário

<sup>ψ</sup> O ponto de interrogação indica que não foi possível identificar com exactidão o número de página.

<sup>φ</sup> A referência aos decretos ou outros documentos e à entidade emissora respeita a grafia original.

Quadro 2 – Ocorrências das obras de Almeida Garrett nos programas escolares

<i>Frei Luís de Sousa</i>	1888	6º	1895	1905	1918	1926	1931	1936	1948	1954	1974-75	1977-78	1979	1979	1979-80	1991	1995	1996	1997	1997/1998	2000/2001	*	
							4º	4º e 7º	4º e 6º	4º e 7º	2º C G e CC			11ºD			12º A e B		12º B	11º	11ºB	11º	T
<i>Folhas Cálidas</i>								7º	6º	7º	2º CC	9º		11ºD	11º	10º B	12º B	10º B		11º	11ºB		P
<i>Viagens na Minha Terra</i>							3º		6º	7º	2º CC		11º	11ºD		12º A	12º B			11º	11ºB		F
<i>Um Auto de Gil Vicente</i>					3º			7º	6º	7º						10º B				11º	11ºB		T
<i>Romançoiro</i>					1º			7º	6º	7º										10º	10ºB		P
<i>Camões</i>					5º			7º	6º	7º													P
<i>Dona Blanca</i>								7º	6º	7º													P
<i>Memória ao Conservatório</i>								6º	6º	7º				11ºD									E
<i>Discursos</i>								7º	6º	7º						12º B							E
<i>Lírica de João Mínimo</i>																							P
<i>O Arco de Sant'Ana</i>									6º	7º													F
<i>O Alfiame de Santarém</i>																							T
<i>A Sobrinha do Marquês</i>									6º														T
<i>Advertência a Folhas Cálidas</i>																11ºD							E
sem indicação								5º															
anos a leccionar	6º	5º-7º	5º	5º	1º, 3º, 3º-5º	3º-5º	3º-4º	4º, 7º	4º, 6º	4º, 7º	2º C G e CC	9º	11º ABCE	11ºD	11º	10º, 12º	12º A e B	10º, 12º	10º, 12º	10º, 11º	10º, 11ºB	11º	

\* Classificação das obras: T – Teatro; P – Poesia; F – Ficção; E – Ensaio

Quadro 3 – *Frei Luís de Sousa* nos programas de Português em universidades estrangeiras

<b>País</b>	<b>Cidade</b>	<b>Universidade</b>	<b>Data</b> <sup>v</sup>	<b>Disciplina</b>
1 Alemanha	Rostock	Universidade de Rostock	2000	Curso de Análise e Interpretação de Texto  <b>Contexto:</b> <i>Frei Luís de Sousa</i> como único exemplo do género dramático Romantismo em Portugal
	Mainz	Universidade de Mainz	s/d	<b>Contexto:</b> <i>Frei Luís de Sousa</i> no âmbito do primeiro momento do Romantismo; análise da obra: oração, personagens, tempo, espaço; classificação literária; características e linguagem; estuda-se também <i>Vígens na Minha Terra</i>
2 Angola	Luanda	Universidade Agostinho Neto	2002/2003	Literatura Portuguesa (moderna e contemporânea)  <b>Contexto:</b> <i>Frei Luís de Sousa</i> ou <i>Felizmente Há Luar</i> (Luís de Strau Monteiro) ou ainda <i>O Judeu</i> (F. Santareno) como exemplo de drama
3 Bélgica	Liège	Universidade de Mons e Liège	após 1998	Questões de Língua e Literatura  <b>Contexto:</b> Estudo de excertos de <i>Frei Luís de Sousa</i> como exemplo de texto dramático; juntamente <i>Auto da Índia</i> (Gil Vicente)
4 Costa do Marfim			2001	Literatura Portuguesa III – Drama  <b>Contexto:</b> <i>Frei Luís de Sousa</i> no contexto cultural, histórico-nacional e histórico-europeu carateris texto dramático; do teatro clássico ao teatro romântico
5 Escócia	Edimburgo	Universidade de Edimburgo	2002	Curso de Representações da Identidade na Literatura Portuguesa  <b>Contexto:</b> <i>Frei Luís de Sousa</i> (e outras obras) analisado à luz do significado de ser português, da forma como a história é representada na literatura, do modo como os portugueses se vêem a si próprio papel de Portugal no mundo
6 Espanha	Corunha	Universidade da Corunha	1999	Língua Portuguesa e a sua Literatura  <b>Contexto:</b> <i>Frei Luís de Sousa</i> no âmbito dos séculos XVIII e XIX; no âmbito do século XX estuda-se <i>Judeu</i> (Bernardo Santareno)
			2000	Língua Portuguesa e a sua Literatura  <b>Contexto:</b> <i>Frei Luís de Sousa</i> no âmbito dos séculos XVIII e XIX; no âmbito do século XX estuda-se <i>Judeu</i> (Bernardo Santareno)

<sup>v</sup> O ponto de interrogação indica que não foi possível identificar a data.

(continuação)

<b>País</b>	<b>Cidade</b>	<b>Universidade</b>	<b>Data</b>	<b>Disciplina</b>
7 França	Grenoble	Université Stendhal Grenoble III	2000/2001	Literatura Portuguesa I <b>Contexto:</b> As primeiras correntes românticas: Almeida Garrett e Alexandre Herculano; <i>Frei Luís de Sousa</i>
8 Inglaterra	Bristol	Universidade de Bristol	s/d	Literatura Portuguesa: Nação e Sociedade <b>Contexto:</b> <i>Frei Luís de Sousa</i> juntamente com <i>Auto da Índia</i> (Gil Vicente)
9 Itália	Pescara	Universidade de Pescara	2000/2001	Português – 3º ano <b>Contexto:</b> Leitura integral de <i>Frei Luís de Sousa</i> , abordado segundo os temas de identidade, sebastianismo, independência, história da tragédia e do drama, história da língua
	Bolonha	Universidade de Bolonha	2000/2001 (?)	Lingua e Letteratura Portoghese – curso triennale e quadriennale <b>Contexto:</b> <i>Frei Luís de Sousa</i> é uma das obras a conhecer no âmbito do estudo da literatura do i século XIX aos nossos dias
	Florença	Universidade de Florença	2000/2001	Literatura Portuguesa <b>Contexto:</b> sem indicações
10 Polónia	Varsóvia	Universidade de Varsóvia	2002	História do Teatro Português <b>Contexto:</b> Almeida Garrett e drama romântico; análise e encenação de <i>Frei Luís de Sousa</i>
11 Roménia	Bucareste	Universidade de Bucareste	2000/2001	Teoria e Prática do Texto <b>Contexto:</b> <i>Frei Luís de Sousa</i> como exemplo de texto dramático; juntamente com <i>Auto da Barca do Inferno</i> (Gil Vicente)